



© iagodina | Adobe Stock



Guia de Orientações para o Professor



Direitos de publicação reservados à
Casa Publicadora Brasileira
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP
Tel.: (15) 3205-8800 – Fax: (15) 3205-8900
Ligação Gratuita: 0800-112710
E-mail: sac.didaticos@cpb.com.br

Gerência de Didáticos

Alexander Dutra

Coordenação Pedagógica

Doris Lima, Goretti Cândido e Vivian Fiuza

Coordenação Editorial

Sueli Ferreira de Oliveira

Editoração

Anne Lizie Hirle, Ariane M. Oliveira e Sueli Ferreira de Oliveira

Editor de Arte

Thiago Lobo

Projeto Gráfico e Capa

Milena Ribeiro e Cristiano Vieira

Programação Visual

Cristiano Vieira

Ilustrações

Ronald Martins

Professor,

Este guia faz parte do Programa de Educação Financeira da CPB Educacional e traz orientações que darão suporte às suas aulas. Para facilitar a leitura e a compreensão, este material é dividido em duas partes. A primeira apresenta os conceitos gerais, como o embasamento para o ensino de Educação Financeira na sala de aula e sua importância para o mundo atual; os eixos que fundamentam a coleção; os objetivos principais do Programa e outras informações a respeito da estrutura física e pedagógica do material.

A segunda parte apresenta a estrutura pedagógica deste Programa; os conteúdos abordados, bem como sugestões do trabalho pedagógico, procedimentos, recursos e indicações de leitura e outros materiais disponíveis neste portal.



Princípios que fundamentam o ensino da Educação Financeira



©epogenici | Adobe Stock

Sabe-se que é importante planejar, poupar, investir, controlar e administrar bem o dinheiro a fim de garantir uma vida financeira mais tranquila. Rocha (2008) afirma que, quando o indivíduo tem suas finanças em ordem, a probabilidade de ele tomar decisões corretas e enfrentar melhor as adversidades do dia a dia é maior – possivelmente porque administrar bens seja um preparo para administrar a vida.

Apesar de alguns pais ainda acreditarem que dinheiro não é assunto de criança, nos últimos anos, tanto o governo como ONGs e instituições privadas têm investido em programas de Educação Financeira. Isso porque crianças que aprendem desde cedo a economizar e manejar o dinheiro corretamente tendem a ser adultos bem-sucedidos em diversos aspectos da vida.

Para Caldas (2011), a exposição cada vez maior das crianças aos meios de comunicação em massa (e à publicidade veiculada neles sem a devida filtragem e acompanhamento) tem sido considerada um fator de estímulo ao consumismo. Silveira Neto, Brei e Flores-Pereira (2010) também afirmam que essa exposição representa, hoje, um novo mercado que vem sendo explorado.

Segundo Limeira (2008), as crianças possuem, em muitos casos, mais informações sobre determinado produto do que os próprios adultos, e, por conta disso, elas acabam influenciando nas compras, na escolha de cores, estilos, marcas, etc. Dessa forma, “o mercado deseja as crianças, necessita delas, e elas são cortejadas pelo convite e o aceitam com prazer”. (Underhill, 2009, p. 162).

Se as crianças estão sendo “assediadas” pela mídia, não haveria a necessidade de trabalhar com elas no intuito de conscientizá-las sobre o enredo em que estão sendo envolvidas? Não seria o momento de educá-las financeiramente? D’Aquino (2008) diz isso não é uma tarefa fácil quando se está em um cenário em que a falta de ética do consumo, das transformações dos vínculos familiares, da economia instável se unem mais para confundir do que ajudar. Assim, ensinar as crianças a se proteger e lidar com o dinheiro é fundamental nesse processo.

Já que a Educação Financeira é “a arte de aplicar os princípios e conceitos de finanças em auxílio à tomada de decisões financeiras pessoais” (TEIXEIRA *et al.*, 2010, p. 27) ou ainda “a habilidade

que os indivíduos apresentam de fazer escolhas adequadas ao administrar suas finanças pessoais durante o ciclo de sua vida” (HILL, 2009, p. 29), pode-se perceber a necessidade de se educar financeiramente as crianças; e, quanto mais cedo, melhor. Segundo Sthefani (2005), esse assunto deve ser abordado nas escolas, com o apoio da família. Em conformidade com isso, Carvalho (2010) ratifica afirmando que a escola é o lugar ideal para a implantação de uma nova cultura financeira.

O tema de implementação da Educação Financeira nas escolas não é recente e já existem discussões para incluí-la como disciplina. Em 2010, foi criado, por meio do Decreto Federal 7.397/2010, a ENEF (Estratégia Nacional de Educação Financeira) como uma mobilização multissetorial com o principal objetivo de contribuir para o fortalecimento da cidadania ao fornecer e apoiar ações que ajudem a população a tomar decisões financeiras mais autônomas e conscientes. Esse programa já está sendo utilizado na rede estadual e em algumas escolas privadas do Brasil.

Desde o fim de 2017, a Educação Financeira faz parte dos temas obrigatórios (Parecer CNE/CEB nº 11/2010 e Resolução CNE/CEB nº 7/2010) incluídos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Ela deve ser incorporada de forma transversal, contextualizada e integradora, e contemplada em habilidades nos componentes curriculares.

O principal objetivo da BNCC é garantir a educação com equidade, formação humana integral e construção de uma sociedade justa e democrática por meio das competências essenciais para a formação do cidadão. Uma dessas competências é o letramento matemático. Segundo a Matriz do Pisa 2015, o letramento matemático é a capacidade individual de formular, empregar e interpretar a matemática em uma variedade de contextos. [...] Isso auxilia os indivíduos a reconhecer o papel que essa ciência exerce no mundo e para que cidadãos construtivos, engajados e reflexivos possam fazer julgamentos bem fundamentados e tomar as decisões necessárias (OECD, 2016, p. 183).

A BNCC orienta que, na área de Matemática, os alunos aprendam conceitos básicos de economia e finanças com o objetivo de iniciação à Educação Financeira. Isso pode ser visualizado especificamente nas habilidades: **EF01MA19 | EF02MA20 | EF03MA24 | EF04MA25 | EF05MA06**. Contudo, esse assunto não é exclusivo dessa área e deve ser abordado em outros componentes. Por exemplo, em História, com o estudo do dinheiro e sua função na sociedade, da relação entre dinheiro e tempo, dos impostos em sociedades diversas, do consumo em diferentes momentos históricos, etc. Outro exemplo é a sustentabilidade, encontrada nos componentes de Geografia e Ciências. O cuidado com o meio ambiente, a reciclagem, a ecologia e todos esses conceitos estão ligados diretamente com a Educação Financeira.

É importante destacar que, apesar da área de Matemática estar em foco, existe uma distinção entre Matemática Financeira e Educação Financeira. Enquanto a primeira associa conhecimentos matemáticos, como juros simples e compostos aplicados às finanças, a segunda está ligada à formação de comportamentos do indivíduo em relação ao dinheiro e aos bens de forma geral.

Pensando na importância de educar as crianças financeiramente desde as séries iniciais do Ensino Fundamental e preparar os alunos para alcançar um nível de excelência em sua formação integral, Coutinho e Teixeira (2013) defendem a ideia de que as crianças precisam saber lidar com o dinheiro desde cedo, e que a família e a escola são fortes aliadas nas construções de novos padrões comportamentais.

Por meio da Educação Financeira, é possível formar e desenvolver cidadãos mais preparados para exercer sua cidadania responsável; e quem é educado financeiramente na infância tem mais chances de ser um adulto economicamente equilibrado. A esse respeito, White (1996), escrevendo sobre finanças domésticas, alerta para os cuidados que todos devem ter para não ultrapassar a sua renda mensal. Acrescenta ainda que todas as despesas devem ser anotadas com exatidão. (WHITE, 1993).